

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro -- Domingo 28 de Dezembro de 1879

N. 2

O ARTISTA

Desterro, 28 de Dezembro 1879.

Reflexões sobre a instrucção popular.

VI

Quem não tem desenvolvida a intelligencia, ou tem corrupto o coração (basta uma d'estas cousas) não vive da plenitude da vida, é um ente semimorto, incompleto! (D. Antonio de Macedo Costa.)

Façamos algumas considerações sobre a educação da mulher, que sem contestação é o verdadeiro movel da humanidade.

Diz um distincto philosopho que a corrupção e a regeneração são os dous eixos sobre os quaes se revolve a especie humana; eu digo que estes dois eixos se reúnem na mulher: a mulher educada e virtuosa regenera; a ignorancia pervertida corrompe.

Apezar de escrava, ella influencia soberanamente na sociedade!

Educai-a principalmente, porque antes um paesignorante do que uma mãe sem educação.

A mãe se acha mais em contacto com os filhos, ella os attrahe com admiravel magia, ella identifica-se com elles, penetra-lhes o amago, inculca-lhes o vicio ou a virtude conforme são maos ou bon

os sentimentos que em seo espirito predominam.

A mulher é semelhante á luz, que enche o espaço percorrendo milhões de leguas com espantosa rapidez! Expansiva e rapida como a luz, ella é capaz de encher cem corações: o que faz dizer ao vulgo:

Cem filhos não são para uma mãe; mas uma só mãe é para cem filhos!

O homem é forte, dizem, mas é um facto que elle obedece mais á mulher do que a mulher ao homem!

Mysterio profundo é o coração da mulher!...

Na escravidão é senhora; na humilhação—soberana; em ser obdiente — obdecida!...

Educai a mulher, emancipai vossa mãe vossa filha, vossa esposa, vossa irmã!

Não fechando-a ao lar, entregue exclusivamente aos cuidados domesticos, limitada a fazer caldo, a coser, a varrer a casa, etc.; mas habilitando para vir a ser a verdadeira educadora.

A primeira educadora natural, dizem todos, é a mulher!

Pois bem! Educai a mulher!

A criança é de cera, diz Horacio: ternazes ficam-lhe as primeiras impressões.

O que no principio affastou-se da verdade trilha, jamais a achará, diz o sabio.

Se quereis o progresso symbolisado na primeira obra da criação, derramai vossos cuidados, primeiro que tudo, so-

bre a ultima e por isso a mais bella obra que surgiu das mãos do creador!

Ligai os dous extremos e fareis o circulo do progresso!

Luz e mulher!

Luz—a primeira condição da vida physica; mulher —a primeira condição da vida social.

Luz—o symbolo da sabedoria; mulher —symbolo do bello, do amor, da cavidade!

Luz—a educação intellectual; mulher —a sensibilidade por excellencia!

Luz e mulher!—intelligencia, e sentimento, sciencia e amor, a verdade é o bello!

W. BUENO.

LITTERATURA

NEDJEDLIS O MOURO

OU

UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

POR

J. F. Paz

I

Emquanto assim falavão virão um navio que qual gaivota com suas azas abertas, corria pelas ondas mansinhas do Rio.

FOLHETIM 4

EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

III

Mas, para ser admittido na quadrilha, era preciso dar uma prova de valor.

Não tardou muito que Edmundo fosse encarregado da morte de um pobre ve-

lho, por ser o unico que conhecia o escondrijo dos salteadores.

O amor que o joven lavrador tinha a essa horrivel profissão era tanto, que não trepidou em manchar suas mãos no sangue de uma victima innocente.

Mas ignorava que o ancião tivesse uma filha, que ia ser lancada por elle na orphandade, na miseria.

Quiz retroceder ante tam monstruoso acto, mas lembrando-se de que d'elle pendia o seu destino, concluiu a sua obra, jurando proteger a infeliz orpham.

Desde então, abandonou seus pais, que morreram de dôr e de vergonha, e alistou-se nas fileiras dos mais miseraveis dos mortaes.

A ambição não tardou a cegal-o: Edmundo, não satisfeito com o logar que occupava em tam infame sociedade, almejou o de chefe.

Dado o primeiro passo na vereda do crime, facil lhe foi dar o segundo.

Matou, pois o seu capitão, e collocou-se á testa do bando, podendo assim proteger melhor a desditosa menina.

Julia, filha do infeliz velho, vendo-se abandonada no mundo, como um bachel em noite procellosa em pleno mar, accitou a protecção de Edmundo, porque ignorava que elle fosse o assassino de seu pai.

Esta protecção em breve converteu-se em amor: Edmundo e Julia amavam-se.....

Quando os bandidos passavam pelo logar onde se dera o conflicto de João e Roberto, ouviram uns gemidos abafados, como de quem pedia soccorro.

O leitor ha de estar lambrado de que João não matára Roberto, como julgava, e sim ferira-o.



—Olhe um navio ! Vamos embora diz Annita a Elvira.

Esta olhou e viu que a embarcação trazia muita gente—.

—Quem sabe se é elle ? Diz Elvira.

—Então é prudente separarmos-nos.

Adeos; até amanhã; diz o Mouro apertando a mão de sua Elvira.

—Adeos; diz esta. O Mouro retirou-se e ella ficou parada olhando-o até que elle se sumiu por entre as flores de seu jardim.

O navio chegava-se.

Os ricos estofos, as bandeiras etc, tudo indicava que o visconde de Burgos vivia nelle.

Elvira e Annita retiraram-se.

Quando elles subião para casa D. Rodrigo descia com sua mulher, criados, pagens etc, afim de receber o visconde de Burgos.

—Oh ! Minha filha volta vamos receber o visconde.

Diz o fidalgo. Elvira, a acompanhou-o.

Quando chegarão à praia já o visconde estava desembarcando acompanhado de amigos e pagens.

D. Rodrigo abraçou-o e derramou uma lagrima.

Era, dizia elle saudades do conde que com elle havia se batido contra os Mouros.

—Subamos ! disse o fidalgo.

A comitiva encaminhou-se à casa.

Na frente ia o visconde com o fidalgo

O visconde trajava calções de seda amarella e os pés eram cobertos por sapatinhos de dentro dos quaes sahião duas meias de seda branca.

Um capote de velludo cahia-lhe sobre as costas e um cinto de onde cahia uma borla de ouro que prendia uma delicada espada guarnecia-lhe a cintura.

Seu rosto era claro e corado, um bellissimo bigodinho preto separava o nariz dos labios e um barrete bordado de ouro cobria seus cabellos negros como o ébano

Quando chegarão à casa uma banda de musica o esperava e tocou bellas e harmoniosas peças.

A casa estava adornada, cheias de

flores vasos, bandeiras, e de tudo o que se pode reunir para uma festa.

O fidalgo mostrou a casa pelo interior ao visconde que ajezar de tudo não se admirava da belleza e dos enfeites que D. Rodrigo preparara, pois que no paço via cousas mais encantadoras.

As 4 horas da tarde os criados trouxeram o jantar.

Todos se sentarã o ameza.

Como o vinho é velho e é usado desde os mais remotos tempos da antiguidade por isso não é de admirar que nesse dia Baccho apparecesse na meza de D. Rodrigo.

O visconde encheo por diversas vezes o seu copo e brindou de cada vez uma pessoa da familia do fidalgo.

Quando chegou a vez de saudar Elvira elle levantou-se disse:

—Bobo a saude da rosa mais bella do jardim hespanhol pela qual perderei se for possivel tudo o que é mais caro na vida.

Viva a' jovem Elvira Pereira !

—Viva ! gritavão todos.

Elvira levantou-se e disse:

—Senhor visconde de Burgos agradeço-lhe muito esse elogio que me fez, mas se diz que perderá tudo com intenção de amores saiba que eu não amo amoço algum e nunca amarei filhos de Hespanha.

Continúa

UM LAUREL

Ao major Camillo José de Souza.

(Offerecendo-lhe um -dobrado- de minha composição, com aquelle titulo.)

Ao meu jobre retrato, que á « Trajano » (*)

Como socio-honorario offereci,

—O teu genio adornando e dando flôres,

Capella, lyra e penna, em resplendores,

—Deu-me glorias qu' eu nunca mercei !

Mas, si tive essas glorias, só devidas

A' tua bondade, ao teu genio de artista,

A' ti, que tens de artista o genio e a gloria,

Que os louros conquistado has da victoria,

O que poderei dar digno de vista?

Não tenho o teu pincel de finas tintas,

Nem possuo esse dom que outorga a palma;

Porem, si pobre sou para dar ouro.

—Faz valer a vontade, um verde louro

Do modesto jardim dessa minh'alma.

Eis aqui quanto posso offerecer-te,

Comquanto muito a quem de teu pincel;

Mas, si a musica e o verso te agradarem,

—Acredita de ti se originarem,

E recebe inda mais este laurel.

Desterro, Março 10— 77.

Benjamin Carvalho d' Oliveira.

(*) Sociedade Muzical Trajano no Desterro.

—Que é isso ? perguntou Edmundo, detendo-se.

—E' a voz de um pobre diabo que pede soccorro, respondeu um dos salteadores.

Com effeito, Roberto, ouvindo passos no carroiro, ergueu, a custo, a voz e articulou:

—Soccorro para um desgraçado que está prestes a espirar...

Edmundo, seguido dos seus companheiros, internou-se pelo escuro bosque d'onde partira a voz.

Um relampago, brilhando na amplidão do espaço, fêl-os distinguir um homem prostrado no meio de um lago de sangue.

—Roberto !... exclamaram a um tempo todos os bandidos.

—Sim ! Roberto que morre, mas vos salva... balbuciou o moribundo.

—Nos salva ? !...

—Sim, porque João vos traiu !

—João !... Como ?...

Roberto, a despeito da dôr que o martyrisava, em poucas palavras referiu tudo o que com elle se tinha passado.

—Oh ! miseravel traidor ! exclamou Edmundo, quando o infeliz acabou de fallar, tu me pagarás bem caro a tua traição !

E dirigindo-se aos bandidos:

—Tragam Roberto com todo o cuidado. O nosso plano está frustado.

—Então, disse Benedicto com orgulho, eu não dizia que uma grande desgraça nos esperava, si não fosse o aviso do honrado Roberto ?...

IV

Estamos no mez de dezembro de 18....

isto é, um anno antes do que vimos de narrar.

O sol descambava para além dos confins do horisonte, dardejando em feixes luminosos seus ultimos raios, que vinham purpurear os cumes espumantes das ondas do mar da poetica Veneza.

Um mancebo de agradável presença passeava pela margem de um pequeno riacho, que serpejava por entre os arbustos de um ameno jardim.

A's vezes detinha-se, e olhava através as arvores para uma bella casa, um pouco afastada do pittoresco sitio.

Depois continuava a passear, batendo impacientemente com a sua chibata de junco n'uma das pernas, e affagando os espessos bigodes louros, cujas pontas retorcidas chegavam-lhe ao meio das faces.

O talhe de seu corpo, bem como a firmeza das suas feições, indicavam pertencer á alta aristocracia veneziana.

COLLABORAÇÃO

A republica

Sob esta epigrapha, no *Conservador* de domingo ultimo, exhibiu-se um artigo, cujo autor, aferrado monarchista, como mostrou ser, procurou por meio das suas insolentes palavras, supplantar o que dissimos no nosso artigo intitulado—*a classe operaria*.

Mas não conseguiu nem ha de conseguir nunca, mormente quando a idéa republicana é aceita com entusiasmo pela maior parte do povo brasileiro.

O articulista diz que o Brazil não se presta ao governo republicano.

Como? Sendo o Brazil um paiz que avança, máu grado as precauções do governo, para a prosperidade, um paiz onde as artes vão se desenvolvendo pouco a pouco, um paiz, cujos habitantes são de crenças puramente republicanas, não se presta ao governo republicano? Esta só sua!

A índole do povo brasileiro não é pacifica, como diz o articulista: é fogosa. Si elle se tem conservado pacifico, é porque ainda não reconheceu bem o seu direito, devido isto á falta de instrução.

O governo que lhe dê a instrução e verá como elle de um momento para outro abate a monarchia, esse monstro esfaumado que bebe, a longos sorvos, o suor publico.

Quer o escriptor que os sentimentos do povo brasileiro sejam uma garantia ao throno?

Engana-se e engana-se redondamente. Os sentimentos do povo brasileiro são garantias á arvore da liberdade e não ao throno.

Si a monarchia não opprimisse o povo, si diffundisse a instrução, talvez elle pugnassem por ella; mas praticando o que actualmente practica é impossivel, seria um absurdo.

O articulista é do staes que julgam as cousas pelas apparencias.

Estude, estude bem os costumes do povo brasileiro, d'este povo que ainda constituirá uma das primeiras republicas do mundo, e verá n'elle não o monarchista, mas o republicano de coração.

Diz que a monarchia e a republica são idéas oppostas.

De certo!

A monarchia é a oppressão, o captiverio; a republica, a liberdade e igualdade, a fraternidade.

Não era preciso que o escriptor nos viesse dizer porque de ha muito já o sabemos.

Triste do homem que prefere a vida agrihoada do monarchista á livre do republicano!

Triste do homem que beija os pés d'aquelle que lhe cospe á face!

O homem que presa a sua dignidade não se deixa escravisar.

Não somos do quilate d'esses homens a quem o imperador chama para o seu la-

do e dá-lhes um titulo, fazendo-os calar, não: somos d'esses que querem o bem publico, a civilização, o engrandecimento da nossa patria.

Esses republicanos que, como diz o escriptor, curvam-se de ante do imperador, não são republicanos não: são monarchistas.

Não temos culpa que os nossos antepassados jurassem obediencia ao throno.

Si elles pensassem como nós, tal não teriam feito.

O articulista dá a entender que entre nós existe a fraternidade.

Não!

Si ella existisse, a sociedade, essa congregação de parvos, não desprezaria o pobre; os collocados em altas posições não desdenhariam os seus subordinados; todos se ajudariam mutuamente. Nada d'isto existe. Logo, não ha fraternidade.

Não podemos deixar de lamentar a causa que moveu o parvo escriptor a escrever tanta parvoice.

S. s. devia em primeiro lugar reflectir maduramente no que ia escrever, e não escrever asneiras.

Por que é que repelle a igualdade?

Terá s. s. a louca pretensão de julgar-se superior aos outros?

Quererá s. s. reformar a doutrina de Christo?

Quando Jesus Christo—o verdadeiro republicano—pregou a sua doutrina aos homens, estabeleceu entre elles a liberdade, a igualdade e a fraternidade fê-los ver que a escravidão não é mais do que um mero capricho da sociedade ignorante

Portanto, todos nós somos iguaes.

Não ha escravos; a sociedade foi quem os fez.

Como taxa s. s. de estúpida a idéa republicana?

S. s. não ama o progresso?

Não ama o engrandecimento da sua patria?

Parece-nos incrível que um filho do seculo desenove diga semelhante cousa.

Quem taxa de estúpida a idéa republicana, não é homem, é um semicadaver; é um ente de quem todos devem fugir horrorisados, porque representa a ignorancia personificada!

Com as suas idéas, sr. articulista, pode limpar a mão á parede.

As expressões do nosso artigo sobre a classe operaria não são grosseiras. O articulista taxou-as assim, porque vê n'ellas a pura verdade.

S. s. é um syllographo.

Ao terminarmos este artigo, desafiámos ao articulista para continuar n'esta questão.

Si s. s. não acceitar será considerado como um covarde, um ignorante.

A' PEDIDOS

Agradeço muito ao meu amigo ausente, o Ilm. Sr. Benjamin Carvalho, a dedicatória do seu bello poemeto, composto

ha justamente onze annos, e publicado nos ultimos quatro numeros do *Artista*, cujo Edictor-proprietario, o sr. Alexandre Margarida, acaba de entregar-me o respectivo autographo, que vem enriquecer a minha collecção.

As primeiras quatro sextilhas do canto 3º (com a designação de 2º, e transformadas em 6 quartetos) foram reproduzidas, no dia 14 do corrente mez, em um periodico quasi em miniatura, ensaio exhibido por alguns meninos estudiosos, que assim demonstrarão não se haverem olvidado do seu digno Mestre, o activo e solícito ex-Professor publico primario do Districto de S. Sebastião da Praia de fóra, actualmente no mesmo cargo na Cidade de S. Francisco.

Desterro, 22 de Dezembro de 1879.

Bernardino Varella.

Ilm. Sr. Redactor.

Appareceu no domingo ultimo um cometa, semelhante ao qual de memoria de homens nunca existiu.

Appareceu uma nova arte, cuja descoberta, se ainda reinára o paganismo, de certo collocaria o nome de seu autor acima do throno de Jupiter.

Amigo do progresso, pegue a V. S. se digno publicar as principaes regras infra da alludida arte.

Seu criº obrº

W. BUENO.

Regras para possuirmos criterio, sentimento e caracter.

Regra 1ª

« Nada de meio termo: ou um extremo, ou outro, ao contrario do que dizia o velho Horacio. »

(Entendia este pateta como ainda hoje entendem alguns que se dizem sabios consistir a virtude no meio: que os extremos se tocam, tam máo sendo um como outro.

Assim, colloca-se a humildade entre a baixeza e o orgulho; colloca-se a liberdade entre a prodigalidade e a avareza.)

Regra 2ª

Separar da liberdade a fraternidade e, consequentemente, matar as todas ou, antes derrubar o christianismo e enthronisar a tyrannia.

(Só estúpidos, como Patricio Moniz, Balmez, Tiberghien, Bossuet, Fenelon e outros é que podem querer o concreto da liberdade, egualdade e fraternidade, assim como pretendem que as faculdades espirituaes não se podem isolar.)

Regra 3ª

« A pratica da egualdade seria uma desgraça para a patria, porque os pequenos de coração e de idéas, aquelles que nada podem ser, por isso que não estão

no caso de ser cousa alguma, tratariam então, de ser os primeiros.»

(Oh ! raro engenho ! Pensamento mais que sublime e suprametaphysico !!!

Homens *nadas* pretendendo ser os primeiros !!!

Esta idéa é uma nova Minerva que surgiu armada da cabeça do *novo Jupiter* (naturalmente estava com fortes dores de cabeça), só com a differença de reverterem as armas contra o proprio *Jove* !)

Regra 4ª

« Ter um homem vergonha de andar a par do outro, pelo simples facto de ter sido este seu escravo. »

(Só um toleirão como o Christo é que pedia hombrar com a canalhados publicanos e outros de igual jaez !!!)

Regra 5ª

« Insultar é proprio de um talento privilegiado, como o do illustre collaborador do «Conservador» e não de um bruto operario !....

Advertencia.

Recommendamos muito aos nossos leitores as regras supras, que extrahimos do «Conservador» de 21 do corrente mez.

São ellas como as cinco pedras com que David arrostára o gigante Goliath: uma só bastou para fazel-o morder a terra !..

Assim, uma só das regras sobreditas pôde prestar a humanidade inteira !..

Recommendamos o artigo alludido, cujo autor, ao que parece, é uma d'essas intelligencias privilegiadas !

Que digo eu ? ! Uma intelligencia unica, singular, um phenomeno extraordinariamente admirabilissimo ! ! !..

Até consta que elle foi educado pelo celeberrimo doutor Sones (palavra esta que é anagramma de *sensu*), ex-lente da imperatriz da China, condecorado pelo augusto filho da lua e neto do sol.

E agora reflectindo, vejo que esse facto não destróe a lei da igualdade, porquanto, si os pobres operarios fossem educados pelo mesmo perceptor, certo que seriam todos intelligencias privilegiadas.

Logo, o nosso principio fica de pé.

Praia Comprida 22—12—79.

W. BUENO.

Uma explicação clara

Como anda o mundo ás avessas, vou explicar a um *talento privilegiado* mais claramente do que tenho fallado ao bruto operario.

Quando disemos que os homens são eguaes, não queremos dizer que um soberano é vassallo do vassallo e um vassallo o soberano do soberano; nem queremos dizer que o máo é bom, o intelligente é rude, o vicioso justo !

Não ! Queremos dizer que os homens são eguaes, por isso que são da mesma

especie, sejam brancos ou pardos, ou pretos, assim como tanto é cachorro o cachorro pintado como é o branco.

Que todos os homens são bons em si, como vindos de um mesmo principio; o que está no genero, está na especie; o que está naespecie está no individuo.

A variedade não destróe a unidade ! Mais:

Si todos os homens se achassem nas mesmas circunstancias, não apresentariam, de certo, as desigualdades que vê o illustre collaborador do CONSERVADOR: si todos se achassem em boas circunstancias, seriam todos bons; si em más, seriam todos máos; si todos habitassem um mesmo clima, seriam todos da mesma côr; si todos fossem igualmente educados, seriam todos igualmente instruidos, igualmente moralizados, igualmente fortes !

Cremos ter fallado claro.

Agora outra explicação:

Não se supponha que sou eu o autor do artigo intitulado—*A Classe operaria*.

Sou, apenas, solidario com os meos companheiros de collaboração neste ponto:—somos todos eguaes,

Mas não pertenco a partido algum; como já o declarei pela imprensa.

Como catholico, professo a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Quem quizer ser coherente, ha de, necessariamente, unir estas trez cousas.

Não ha pensamento sem força; não ha vontade sem pensamento nem força; assim tambem, não ha liberdade sem igualdade e fraternidade !

Praia Comprida 23-12-79,

W. BUENO.

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos as respectivas redacções a remessa dos periodicos seguintes:

Despertador, Conservador, Regeneração, A Verdade, Municipio, Gazeta de Joinville, A Grinalda, Correio do Natal, Noya Aurora, Gazeta de Uberaba, Theophilo Ottoni e a Saudade.

Por falta de espaço, deixamos de publicar a continuação da carta do *roceiro* e muitos outros artigos, a cujos authores pedimos de-culpa.

Exames— No dia 6 do corrente, procedeu-se aos exames na Aula Publica do sexo masculino da cidade de São Francisco, sob a presidencia do Professor-Vitalicio B. Carvalho de Oliveira, sendo, assistente, o Illm. Snr. Inspector de Districto Valentim A. de Souza, e, examinadores, os snrs. P. A. Caldeira e V. C. Machado, dando o resultado seguinte:

Alunos de 1ª classe:

Approvados:

com distincção e louvor,
Augusto Affonso dos Santos
com distincção:

Antonio Vieira Rebello,
Augusto P. da Fonseca Osorio.

Plenamente:

Antonio Gabriel dr S. Caldeira
Martiniano Augusto dos Santos,
João Filippe Alves de Oliveira.

Simplemente:

Manoel Pereira de Miranda,
José Victorino da Silva,
Benjamin Loretto da Costa.

Faltaram outros alumnos,

Nessa ocasião forão apresentados, pelo adiantamento que teem tido, alguns alumnos de 2ª classe.

VARIETADES

LOGOGRIPO

(ACROSTICO POR LETRAS)

Ao Illm. Sr. Tenente Conceição.

Piens um grande caranguejo, 7,6,10,4,11,8,1
A qui uma capa verás:.....5,11,7,8,11
N'estas tens uma trombeta.....3,9,3,4,5,11
Certo rego encontrará.....3,2,8,7,11
Reunido é nome de homem,
Enão é muito vulgar;
Bado pois fica o conceito
Cra toca a decifrar.

PLUTÃO E ACHILLES.

As decifrações dos Logogrifhos do numero passado são: o 1º—Cipolino; o 2º—Marcolino—e o 3º Tancredo.

Aos insignes charadistas, logogrifhistas e inimistas Luiz Veiga e João Corcoroca:

1-2 Esta flor não é má em Portugal.

1-1-1 Na Italia não é boa a caridosa no cabelo.

1-1-1 E' immenso esta molestia trocando uma é nome proprio.

1-1 Esta medida é vogal e é instrumento.

1-1 Na placa este adverbio é um philosopho.

1-1 Na placa este adverbio nos bailles.

Qual é o rio que lido as avessas dá um passaro ?

Robespierre.

Typ. e Lith. de Alex. Margarida.